



Organizadora

Liliana Liviano Wahba

PSICANÁLISE

O grafite e a psique de São Paulo

Metáforas da cidade

Blucher

O GRAFITE E A PSIQUE DE SÃO PAULO

Metáforas da cidade

Organizadora e autora

Liliana Liviano Wahba

Colaboradores

Ana Carolina Prada

Camila Parducci Arruda

Vicente Lourenço de Góes

O grafite e a psique de São Paulo: metáforas da cidade

© 2019 Liliana Liviano Wahba (organizadora)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: grafite de Binho Ribeiro, São Paulo, 2009.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Wahba, Liliana Liviano

O grafite e a psique de São Paulo : metáforas
da cidade / organizadora e autora : Liliana Liviano
Wahba ; colaboradores: Ana Carolina Prada, Camila
Parducci Arruda, Vicente Lourenço de Góes – São
Paulo : Blucher, 2019.

112 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1473-1 (impresso)

ISBN 978-85-212-1474-8 (e-book)

1. Grafite – São Paulo (SP) 2. Arte de rua –
Aspectos culturais 3. Grafite – Aspectos culturais
4. Grafite – Aspectos psicológicos I. Título. II.
Prada, Ana Carolina. III. Arruda, Camila Parducci.
IV. Góes, Vicente Lourenço de.

19-0653

CDD 306.47

Índice para catálogo sistemático:

1. Arte de rua – Aspectos culturais

Conteúdo

Prefácio	9
1. Introdução	15
2. Arte e cultura	19
3. A cidade, a psique e os complexos urbanos	35
4. O grafite e a realidade urbana	49
5. A fala dos grafiteiros	59
6. As metáforas da cidade	77
Referências	101
Sobre os autores	105

1. Introdução

A expressão do grafite¹ no espaço urbano tem crescido consideravelmente, já fazendo parte do imaginário coletivo. Muros silenciosos ganham voz e vivacidade e chamam a atenção para temas socioculturais e históricos que retratam vivências públicas e privadas. A essência humana universal e seus embates fundamentais se prenunciam e adquirem formas que o artista desperta com sua técnica, inspiração e habilidade. O grafite pode ser considerado, portanto, um emergente da situação subjetiva da cultura, mais especificamente, da cultura contemporânea urbana. Tal fato permite uma análise simbólica da problemática e dos anseios de uma época. Essa expansão do grafite sinaliza, então, a apropriação do espaço urbano e a vitalidade da ocupação da cidade, que transcende sua estrutura e planejamento. Revela, ainda, uma linguagem particular que, de certa forma, responde a nossas inquietações.

1 A palavra “grafite” é um neologismo brasileiro criado a partir da palavra italiana *graffito*, que se refere à técnica de rabiscar; seu plural, *graffiti*, designa os rabiscos antigos feitos em muros de monumentos, como os *graffiti* do Coliseu ou da Torre de Pisa. Aqui, optamos pela palavra aportuguesada.

Nascido da deterioração, considerado usurpador e, ao mesmo tempo, enriquecedor e artístico, o grafite, sem dúvida, foi apropriado pelo espaço urbano. A cidade oferece sua pele marcada por cicatrizes e feridas, que são cobertas por padrões e formas multicoloridas que compõem o grafite, que pode ser enigmático ou revelar espontaneamente à consciência um sentido temático, uma composição particular. Tece, ainda, uma rede de associações peculiar aos complexos grupais, aos núcleos psíquicos de subjetividade dolorosa ou impactante. O grafite atrai nossa atenção quando buscamos entender a linguagem da psique pulsante da megalópole.

Como imagem de abertura desta obra, a Figura 1 é uma representação da energia dinâmica e exuberante, um tanto apreensiva, que se movimenta.² Trata-se de um inseto ou um dragão mítico, vibrante e antropomorfizado, que nos lança um olhar penetrante e atento e nos mostra uma voracidade inconsequente, mas também lúdica, assim como a cidade de São Paulo.



Figura 1 – Grafite de Boleta, São Paulo, 2009.

2 Todas as imagens deste livro têm sua publicação autorizada pelos artistas.

O grafite como uma forma de arte confirmou sua presença e importância na vida urbana contemporânea. Impregna um modo de viver e de ver a cidade. Um exemplo é um grafite recorrente do artista Mauro, que expõe o termo “veracidade”. O grafite revela desejos e conflitos, bem como as tentativas de circunscrevê-los pela via do imaginário. É possível percorrer, em perambulação entre formas e cores, os elementos metafóricos e simbólicos que retratam a vida urbana. Trata-se, em suma, de um convite à imaginação e ao olhar indagador, um convite à imersão no cotidiano da cidade expresso em imagens pintadas em seus muros. Tais imagens constituem uma linguagem particular, um misto de devaneio e de percepção da realidade.

Este livro é resultado de um trabalho realizado em 2010 por três pesquisadores que, à época, eram alunos do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ana Carolina Prada, Camila Parducci Arruda e Vicente Lourenço de Góes realizaram a pesquisa sob orientação da professora-doutora Liliana Liviano Wahba. O objetivo era fazer uma leitura simbólica do fenômeno artístico do grafite na cidade de São Paulo³ e entrevistar alguns artistas e transeuntes.

O inventário fotográfico feito pelos pesquisadores reuniu, aproximadamente, quinhentas imagens de grafites espalhados por seis regiões da cidade de São Paulo: centro, Avenida Paulista e túnel, pilares do elevado Costa e Silva (Minhocão), Liberdade, Vila Madalena e Cambuci. Nessas regiões também foram entrevistados 101 pedestres. De maneira geral, a aceitação do grafite por parte dessas pessoas mostrou-se bastante significativa, pois 74% dos entrevistados responderam que esse tipo de manifestação melhora a

3 A pesquisa original, intitulada *O grafite e os símbolos culturais na cidade de São Paulo*, encontra-se no acervo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

cidade e a embeleza e que é melhor em comparação com a pichação ou um muro sujo. Disseram, ainda, considerar o grafite uma forma de expressão e de arte. Os entrevistados opinaram que os desenhos transmitem uma mensagem em que se inclui o papel político e questionador do grafite. Foi destacado ainda o fato de o grafite trazer a arte para a rua, democratizando o acesso a ela.

Os capítulos deste livro versam sobre o sentido da arte para a cultura, a cidade e os complexos urbanos. Também abordam o ato de grafitar e as metáforas do grafite.



São Paulo pulsa, respira, sofre, geme, grita. A cidade tem uma psique que se manifesta no espaço urbano por meio do grafite, expressão simbólica da subjetividade da cultura. Esse é o ponto de partida dos autores que, em perambulações pelas ruas, nos apresentam o espaço psíquico dessa imensa *polis*, revelado pela arte dos grafiteiros. A subjetividade de seus habitantes, em movimento dinâmico e constante, produz o lugar onde são projetadas e vividas vicissitudes e anseios. Nossos autores viajantes flanaram por São Paulo e a descrevem revestida de afeto, dores e inspirações.

Sylvia Loeb

PSICANÁLISE

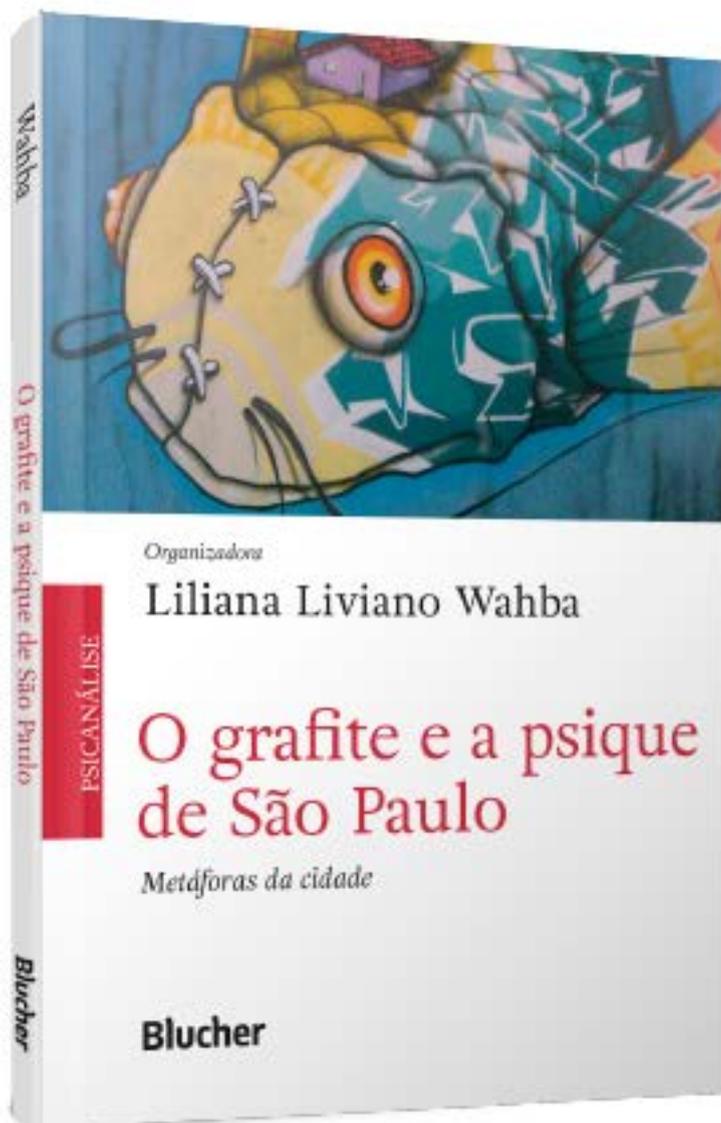
ISBN 978-85-212-1473-1



9 788521 214731

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

O Grafite e a Psique de São Paulo *Metáforas da cidade*

Liliana Liviano Wahba

ISBN: 9788521214731

Páginas: 112

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.155 kg
